# Joaquim Benite

# 'O teatro é um vicío COMO A DROGA'

**Fundou a Companhia de Teatro de Almada, que dirige há quase 40 anos. Criou o mais importante festival de teatro do país. Pelo meio foi um reconhecido jornalista. No ano passado quase morreu. Quando saiu do coma, regressou ao trabalho. Agora, quer voltar a andar. E encenar Shakespeare até ao fim do ano**

Texto de **Rita Silva Freire** Fotografias acutuais de **João Francisco Vilhena**

**NO ANO PASSADO** Joaquim Benite teve um

**Esteve às portas da morte devido a um problema vascular. Mas continua a fumar.**

É um vício antigo, tenho dificuldade em deixar. Chegava a fumar três maços por dia. Durante a semana, no hospital, depois do almoço vou ao jardim e fumo um ou dois, às vezes três. Depois do jantar, outro. No total do dia não fumo mais de quatro. A médica disse-me que se fumasse até cinco não havia problema. Quando venho a casa, ao fim-de-semana, exagero. Mesmo assim não chego a fumar um maço por dia.

**Há um ano teve um aneurisma na aorta.**

Estive a morrer. Com a fisioterapia tenho vindo a recuperar. Estou internado no Hospital do Mar. Estou com esperança de alcançar o meu objectivo: voltar a andar. Dou uns passos com o andarilho. Faço umas marchas relativamente longas.

**Operou o aneurisma mas teve uma septicemia.**

Depois da operação estive três dias no hospital e estava bem. Depois surgiu a septicemia, que foi terrível. Estive em coma muito tempo. Estava no Pulido Valente, onde fui operado. Depois vim para este hospital recuperar e comecei a falar e a pensar. Não fui afectado na cabeça. Quer dizer, ao princípio estava completamente balhelhas. Mas fui recuperando. E estou numa fase avançada da recuperação.

**Mal recuperou começou a trabalhar?**

Sim. É assim: se venho tenho sempre muito trabalho, portanto o melhor é não vir. O Rodrigo Francisco [director-adjunto] tem garantido a direcção do teatro durante este tempo mas não estou completamente afastado.

**Liga a saber como as coisas estão?**

O Rodrigo vai todos os dias ao hospital e conta-me como é que as coisas marcham. E escrevo. Quer dizer, eu dito e ele escreve. Depois revemos o texto. Se não fosse ele teria havido uma grande perturbação. Dirijo a companhia há muitos anos. Esta solução de ter um director-adjunto facilitou muito as coisas – parecia que estava a adivinhar, engendrei esta solução antes de estar doente, como se tivesse tido um pressentimento. Quando cá venho, há pessoas que me dizem: 'Ah, não se nota nada que não estás lá, as coisas correm muito bem'.

**Isso chateia-o ou deixa-o contente?**

Deixa-me contente, foi sempre o meu objectivo. É necessário garantir o futuro.

**São seis décadas de vida, quarenta delas ligadas ao teatro e à CTA. Que balanço faz?**

Não sou dado a considerações sobre o passado, estou sempre a pensar no futuro. Mas posso fazer um balanço da geração a que pertenço, com o Luís

aneurisma na aorta e uma septicemia. Quase morreu. Sobreviveu e agora está a recuperar. Já consegue andar com a ajuda do andarilho

Miguel Cintra, o João Mota, o Hélder Costa. É uma geração que renovou completamente o teatro português, a primeira a criar os seus próprios teatros. Começámos na mesma altura, entre 69, 70 e 71. O João Mota fundou a Comuna, o Cintra a Cornucópia, eu este. Há uma grande paixão pelo teatro. O teatro é um vício, como a droga: quando entramos dificilmente saímos.

**Nasceu em Lisboa em 1943. O seu pai trabalhava em teatro...**

O meu pai foi empresário de teatro. Nunca dizia que tinha feito um espectáculo. Dizia que tinha feito um negócio. A vida correu-lhe mal, acho que pela sua seriedade. Ficou sem teatros nenhuns, poderia ter dirigido vários. Nos anos 20 foi empresário do Trindade durante dois anos. Quando nasci, tinha 52 anos e estava na pura miséria. Tive uma infância muito difícil. A minha mãe morreu com 38 anos, quando eu tinha sete, o meu pai morreu um ano depois.

**Foi viver com quem?**

Com uma irmã do meu pai.

**Como chegou ao jornalismo?**

Tinha a intenção de fazer o curso de Histórico-Filosóficas. Até que me surge um emprego na Editorial Enciclopédia, que publicava a **Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**. Fazia verbetes relacionados com o Brasil. E já escrevia no *Diário de Lisboa Juvenil*. Não me largava a ideia de ser jornalista. Um ano depois, apareceu-me a oportunidade, através de um amigo, de uma vaga no *República*, o jornal de oposição. Não perdi tempo a pensar. Na **Enciclopédia** ganhava 1.300 escudos. Fui para o *República* ganhar 800. Queria ser jornalista.

**Que idade tinha?**

Vinte. Deixei de pensar na universidade, que não era bem vista na minha geração. Era considerada fascista. Uma grande parte dos jovens da minha idade abandonaram cursos para fazer o teatro. A minha mulher, a Teresa [Gafeira, actriz], a quem faltavam duas cadeiras para acabar o curso de Arquitectura, deixou a escola para fazer teatro.

**O que fazia no jornalismo?**

Os jornais não estavam compartimentados em secções como hoje. Tínhamos de fazer tudo. Às vezes ▶

**O TEATRO** estava-lhe destinado, foi a ele que dedicou uma vida. Nos jornais fazia crítica teatral, à noite encenava, em Campolide, depois em Almada

chegávamos à redacção e o chefe, o Vítor Direito, mandava-nos para o Governo Civil para saber as prisões. Outras vezes ia para julgamentos, para incêndios. Fazia de tudo. E crítica de teatro.

**Lembra-se da primeira vez que foi ao teatro?**

Tinha 12 anos, vi o **Aqui Há Fantasmas**. Fiquei fascinado com as entradas e saídas de actores, com as cenas dos fantasmas.

**Nunca foi ao teatro com o seu pai?**

Não.

**Ele falava-lhe de teatro?**

O meu pai falava muito pouco. Teve uma vida muito dura nos últimos anos. Mas chegou a viver muito bem. Teve um grande êxito com uma peça, **O Leão da Estrela**, interpretada pelo Chaby Pinheiro, no Politeama. Ganhou rios de dinheiro.

**Tive uma infância difícil. A minha mãe morreu quando eu tinha sete anos. O meu pai morreu um ano depois**

**Enveredou pelo teatro pelo seu pai?**

Não. Quer dizer... A história de como comecei a ser crítico é interessante. O chefe de redacção do *República* era um velho anarquista, o Artur Inês. Um dia disse-me: 'Oiça lá, você chama-se Benite mas eu tenho aqui na sua folha o nome Macedo Brito'. Eu disse: 'O meu pai chamava-se Macedo e Brito'. 'Então porque é que usa o nome Benite?'. 'Porque decidi usar o nome da minha mãe'. 'Ah, o seu pai era muito meu amigo. Se era empresário de teatro, você é que deve ser bom para a crítica teatral. Vai fazê-la hoje'. Fui fazer uma crítica a uma peça da Laura Alves. Como era um pretenso intelectual, escrevi a dizer mal.

**Justificado?**

Claro, era teatro de muito má qualidade. Ele chamou-me ao gabinete e disse-me: 'Oiça lá, neste jornal não se pode dizer mal da senhora dona Laura Alves'. Porque havia esta ligação entre a oposição e o regime. E disse-me para fazer outra a dizer bem. E eu fiz.

**Custou-lhe?**

Muito. Mas custava mais perder o emprego.

**Entrou no teatro pela crítica?**

Achava maçador estar a escrever sobre uma coisa que eu gostaria de fazer. Então criei um grupo amador.

**Já tinha experiência de teatro?**

Quanto era estudante participei nalguns espectáculos como actor. Era muito mau.

**Pois, porque nunca o vimos em palco...**

Nunca me interessou. É muito difícil estar todos os dias a dizer o mesmo, durante uma porrada de tempo. Implica perder liberdade, tem que se estar todas as noites a fazer aquilo. O encenador é o contrário. Acaba um espectáculo e estamos a preparar o outro. Somos donos dos nossos horários.

**Fundou então o Grupo de Teatro Campolide Atlético Clube. Com que idade?**

Vinte e cinco. O Campolide Atlético Clube tinha criado uma secção cultural e fizeram um grupo de teatro. Na altura eu era muito conhecido e discutido por causa da crítica de teatro e lembraram-se de me convidar. Não sei se pensavam que por terem um crítico no grupo iam ter boas críticas.

**E tiveram?**

No *Diário de Lisboa* estava o Urbano Tavares Rodrigues, que fez uma crítica ao meu primeiro espectáculo dizendo muito bem. Surpreendeu-me. Não sabia que era tão fácil dar nas vistas.

## A VIDA NO PALCO

**Joaquim Benite, 59 anos, foi jornalista durante 20, tendo passado pelas redacções do *República*, *Diário de Lisboa* e *O Século*. Ao mesmo tempo, dedicou-se ao teatro. Fundou o Grupo de Campolide em 1971. Em 1978 transferiu-o para Almada, tornando-se um dos casos raros de sucesso da descentralização. Em 1988 a Companhia de Teatro de Almada tornou-se residente do Teatro Municipal de Almada e criou o mais importante festival de teatro do país, o Festival de Teatro de Almada que, anualmente, traz a Portugal as mais destacadas companhias europeias. Encenador de mais de 100 peças, Benite tem vindo a ser distinguido com diversos prémios como a Medalha de Mérito Cultural, do MC. Este ano juntou ao currículo o grau de Oficial da Ordem das Artes e Letras de França.**

**Dirigíamo-nos aos habitantes do Casal Ventoso e do Bairro da Serafina. Queríamos trazê-los ao teatro**

**E o salto da crítica para a encenação?**

Se como um prato num restaurante que não sei fazer, assim que chego a casa tento executá-lo. Às vezes só à décima consigo fazer um prato igual ao que comi. Com o teatro é a mesma coisa. Um crítico, ao ver os espectáculos, aprende muito. Eu observava os actores no palco, as posições, as marcações, os movimentos. E o Fernando Gusmão ensinou-me muitas coisas. Considero-o o meu principal mestre no teatro.

**Teve logo a casa cheia?**

Esgotava com dois meses de antecedência. Era um teatro de bairro, aquilo era uma surpresa para a população. Na altura tinha a ideia utópica de me dirigir aos habitantes do Casal Ventoso e do Bairro da Serafina. Íamos lá fazer propaganda de espectáculo e trazê-los ao teatro. Uma vez apareceu-me um casal com um cão, que me perguntou se o cão podia entrar. Disse que não. À noite foram ver a peça. No final saíram com o cão. Tinham-no escondido. E não ladrou.

**A ideia não era utópica.**

Não conseguimos o que queríamos, trazer os bairros em peso ao teatro, mas levámos muita gente. Fizemos espectáculos na Igreja de Santo Condestável, em fábricas, em sociedades de recreio. Encontrámos outro circuito.

**Quando se mudam para Almada?**

Depois do 25 de Abril. Fizemos algumas peças em Campolide e, no princípio de 77, a direcção do INATEL convidou-me para fazer uma montagem no Trindade. Fiz uma peça do Virgílio Martinho, **1383**, e outra do Dias Gomes, **O Santo Inquérito**. Foram um êxito, todas as noites 600 pessoas. Sugeriram-me dirigir o Trindade. Mas assustei-me porque no PREC as direcções do INATEL duravam três meses. Entretanto o presidente da Academia Almadense disse que me dava o teatro. Aceitei. Estive lá 10 anos, depois criámos o Teatro Municipal no antigo mercado abastecedor, onde estivemos 18 anos até vir para aqui.

**No jornalismo, naquela altura, tínhamos que fazer tudo: prisões, julgamentos, incêndios**

**Não teve medo de ir para Almada?**

Disseram-me que era louco, que era impossível, que não me ia aguentar aqui. Mas já havia subsídios, logo outras possibilidades de desenvolvimento da companhia. Era muito ambicioso, queria fazer um teatro em que o próprio teatro fomentasse a formação do público. Em Almada só havia teatro de revista. Tive peças com cinco espectadores. Perguntavam: 'É uma revista?'. Dizíamos que não, iam-se embora.

**Como conquistou essas pessoas?**

Com uma actividade permanente de propaganda nas fábricas. A primeira peça começou com pouca gente e acabou esgotada.

**As pessoas vinham à procura de revista e encontravam teatro-arte. O que lhe diziam?**

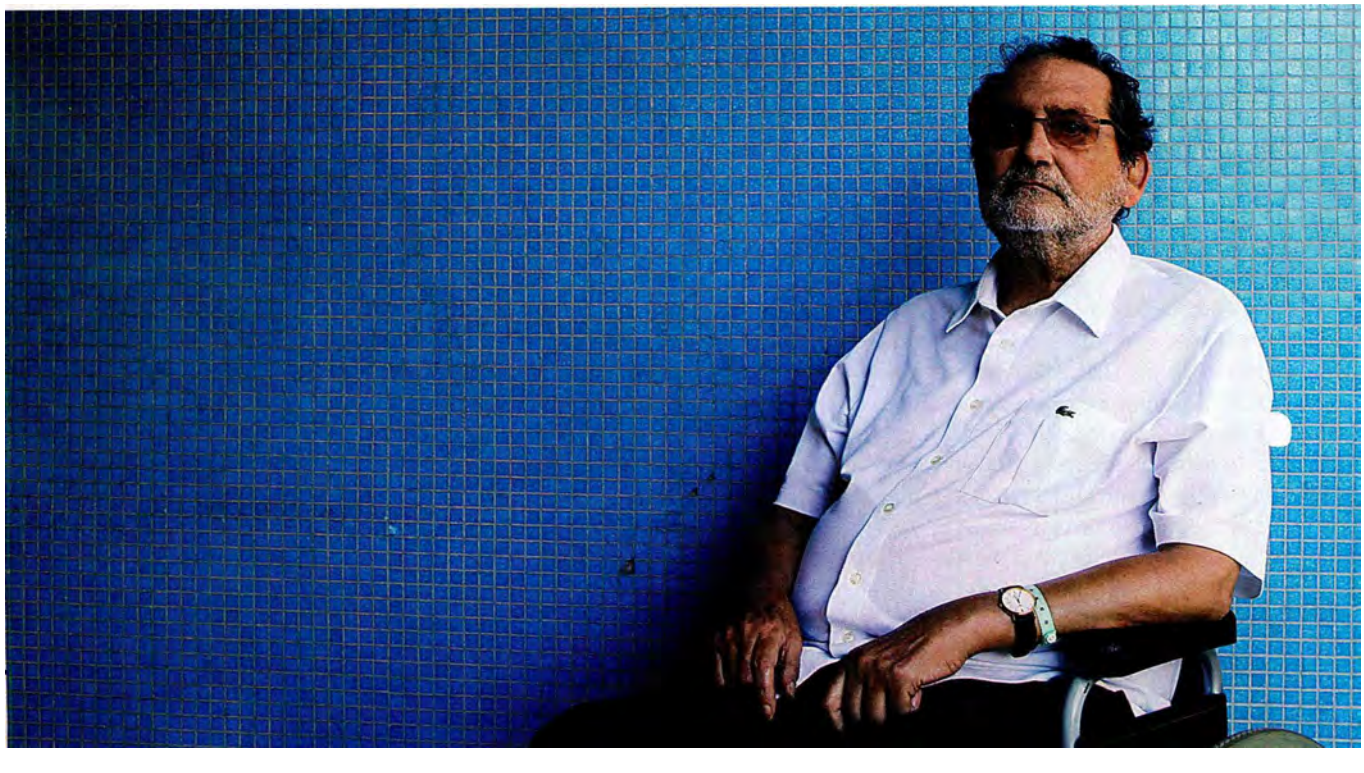
Perguntavam-me o que as coisas queriam dizer. Uma grande vantagem de estar em Almada era a possibilidade de conhecer o povo. Em Lisboa não se encontra as pessoas. Aqui vêm falar connosco. Há uma dessacralização do actor. Muitos espectadores, antigos operários sem prática de teatro, hoje vêm aqui, à Cornucópia, à Comuna. Foi público conquistado para o teatro.

**Como é que isso se consegue?**

Com idas ao teatro. A melhor forma de formar públicos é fazer muito teatro. As pessoas começam por não ir, mas depois o vizinho diz que a peça é interessante e, pouco a pouco, a coisa cresce. E com peças para a infância. Temos espectadores que começaram a ver teatro aos seis anos connosco.

**Quando criou o Festival de Teatro de Almada?**

Em 1984. Trabalhávamos com grupos amadores, dávamos cursos, dirigíamos os espectáculos. Lembrei-me de organizar uma mostra desses espectáculos, que só eram vistos ▶



**FORAM MUITOS** os actores que passaram pelo palco de Almada, fosse para fazer teatro, fosse para ali serem homenageados, durante o Festival

no interior das colectividades ou escolas que os faziam. Foi um sucesso, uma coisa feita ao ar livre. Usámos as casas dos moradores como camarins, construímos um estrado, pedimos emprestadas 100 cadeiras aos cafés.

**Fez-se tudo com o apoio da população?**

É uma característica do nosso teatro. A partir dessa experiência surgiu a ideia de fazer um festival a sério e começámos a pensar de forma mais ambiciosa. Tínhamos um subsídio de 4.500 contos para o festival. Até que o Manuel Maria Carrilho vai para o Governo e nos aumenta para 43.500 contos. Percebeu que era uma coisa importante que podia crescer muito. Nunca mais fomos aumentados.

**E o festival cresceu.**

Tinha ido a festivais no estrangeiro, como o Festival de Avignon. Sempre tive a ideia de copiar coisas e reproduzi-las à nossa escala. Um crítico de teatro, o Manuel Pedro Rio-Carvalho, escreveu, em 1985, no segundo festival: 'Já temos o nosso Avignonzinho'. Se hoje fosse vivo ficaria encantado.

**Imaginava vir a ter, em Almada, um teatro desta dimensão?**

É um sonho que tenho desde o início. O primeiro projecto de arquitectura para o teatro foi feito em 1984, por Graça Dias. Foi inaugurado em 2005. É um trabalho de muito tempo.

**De grande perseverança.**

E de mostrar que é possível fazer coisas quando os outros pensam que não. Temos cada vez mais público. O festival está no apogeu e numa posição de se desenvolver cada vez mais. O meu sonho era dirigir um festival como o de Avignon. Mas eles têm 2,5 milhões de euros. Nós temos 350 mil. É uma questão de mentalidade. Mais facilmente se dá dinheiro a uma coisa de fachada do que a um projecto rigoroso e sério de desenvolvimento cultural.

**Sonhou em grande.**

Sim. Com muita prudência e com o gosto do risco. Ou seja, por um lado tem que se ceder, ser prudente, não se pode perder os subsídios. Por outro, tem que se ser duro e lutador. Pediu-me para fazer o balanço e eu esquivei-me. Penso que o balanço foi extremamente positivo. Este foi um dos raros exemplos da descentralização cultural em Portugal que atingiu este plano.

**Nunca quis ser actor. É muito difícil estar todos os dias a dizer o mesmo, durante uma porrada de tempo**

**Durante anos foi ao mesmo tempo jornalista. Como conciliou as duas profissões?**

Trabalhando muito. Saía do *Diário de Lisboa* às 15h e ensaiava à noite. N'*O Século* acabava tardíssimo, não dava para ensaiar à noite, tinha de ser ao sábado e ao domingo. É através de uma série de artifícios que se gere uma grande paixão.

**E conseguiu constituir uma família?**

Sim. Tenho dois filhos e três netos.

**Quando percebeu que tinha de escolher entre o jornalismo e o teatro?**

Em 1990. Trabalhava 18 horas por dia: no *Diário* até às 20h, depois no teatro. Era um esforço demasiado grande, que não me permitia fazer bem nem o teatro nem o jornalismo. Trabalhava no *Diário* como uma forma de acrescentar alguma coisa ao ordenado que tinha aqui. Pensei: 'Se me dedicar a uma coisa só, sou capaz de ganhar até mais no teatro que no jornalismo'. Foi o que me levou a deixar o jornalismo e a dedicar-me à companhia.

**Tem saudades do jornalismo?**

Muitas. Mas não teria estômago para o jornalismo que se faz hoje. Na altura havia mais liberdade.

**Mesmo antes do 25 de Abril?**

Mesmo antes do 25 de Abril. E havia diferenciação entre jornais. O *República* era o jornal da esquerda, o *Diário Popular* era o do regime, o *Diário de Lisboa* era de centro-esquerda independente. Hoje há um discurso único que toda a imprensa segue.

**É um homem conotado à esquerda.**

Sou membro do Partido Comunista. Não encontro nenhuma outra formação política que tenha o programa do Partido Comunista. É com esse programa que mais me identifico.

**Nunca pensou entrar na política?**

Pensei. Em 69 fiz parte da Comissão Política Nacional da CDE. Devo dizer-lhe que essa foi a razão pela qual não enveredei por uma carreira política.

**Porquê?**

**Ideologicamente, não estou de acordo com a política do Governo. Mas tenho simpatia pelo Francisco José Viegas**

**SÃO MUITAS** as distinções que recebeu, entre elas a Ordem de Oficial das Artes e das Letras, do governo francês

Pela falta de liberdade, o ser dirigido por outros. Fui membro da Assembleia Municipal de Sintra. Um dia fiz uma intervenção e chamaram-me a atenção de que não o devia fazer sem pedir autorização. Pedi logo para me riscarem. Sou uma pessoa que nunca teve nenhum cargo dentro do partido, um dos militantes mais ignorados. Mas mantenho-me. Não há nenhuma força política que tenha os mesmos objectivos. Sou uma espécie de homem de outro planeta. Já não existo neste.

**Por que diz isso?**

Porque o comunismo hoje não tem a mesma expressão daquele tempo. Muitas pessoas aderiram em massa depois do 25 de Abril, depois a família cresceu, tiveram filhos e tiveram que procurar um padre melhor. Isto não é meu, é do Herman José, mas acho que tem muita piada e que é verdade.

**Como vê hoje a política cultural?**

Tivemos um ministro da Cultura, o Manuel Maria Carrilho, que realmente desenvolveu um programa cultural. Foi o melhor ministro que tivemos. Tem havido uma indefinição constante da política cultural, cada ministro que chega altera coisas, muitas vezes sem sentido. Não tem havido sequer política cultural. E a que tem havido é no sentido contrário ao dos criadores. Tem sido para estigmatizar criadores, para estigmatizar o teatro independente, para estigmatizar o teatro público. Excepto no tempo do Manuel Maria Carrilho. Não sou pessoa para fazer elogios à toa. Os teatros tão elogiados que existem hoje no país não teriam sido possíveis sem o Manuel Maria Carrilho.

**Em Almada há a possibilidade de conhecer o povo. Há uma dessacralização do actor. Vêm falar connosco**

**E neste último ano?**

Ideologicamente não estou de acordo com a política do Governo. Mas tenho uma certa simpatia pessoal pelo Francisco José Viegas. Penso que, à semelhança de Vasco Graça Moura, compreende o fenómeno cultural. São pessoas cultas e isso é o mais importante. O grande desenvolvimento dos teatros em França foi feito pelo Charles de Gaulle, uma pessoa de direita. Com um ministro da cultura também de direita, o André Malraux. Se não fossem eles, o teatro não se teria desenvolvido como desenvolveu. O Festival de Avignon não poderia existir.

**Mais facilmente se dá dinheiro a uma coisa de fachada do que a um projecto sério de desenvolvimento cultural**

**Gostava de ter um 'Avignonzão'?**

Gostava de ter um Avignon. Mesmo que fosse 'zinho', mas com mais recursos do que temos actualmente.

**Fala-se da subsidiodependência da cultura. Mas por toda a Europa há subsídios para o teatro.**

Em todo o mundo. O exemplo do liberalismo, os Estados Unidos, também dá subsídios aos teatros. O teatro ou é público ou não se pode fazer. Não se pode fazer Shakespeare ou Garrett nos teatros comerciais. Se deixar de haver subsídios e for esse o teatro que subsiste, deixa de haver teatro-arte. Mais ainda: esses subsídios não são dados aos actores ou aos encenadores, são dados ao público. É por se receber esses subsídios que os bilhetes são baratos.

**Como vê o futuro do Teatro de Almada?**

O futuro do teatro de Almada está um bocado ligado ao meu próprio futuro. Pelo que me toca, durante o tempo que ainda viver, penso continuar a trabalhar como sempre. Depois... Depois é o escuro, para mim e para o Teatro de Almada, que vai ter de encontrar as suas próprias formas de seguir adiante.

**Criou aqui um projecto consistente.**

É indiscutível. O Teatro de Almada não acabará nos próximos anos, independentemente do que me aconteça a mim.

**Hoje pensa mais no futuro da companhia que há um ano?**

Sempre pensei. A decisão de pôr o Rodrigo como adjunto foi engendrada muito tempo antes de estar doente. Sempre pensei na necessidade de continuidade, de não deixarmos as coisas ao Deus-dará ou à sorte do destino.

**Agora que sentiu na pele que não se dura para sempre tem projectos que queira completar?**

Tenho imensos projectos. Agora vou fazer o **Timão de Atenas**, de Shakespeare. •

**rita.s.freire@sol.pt**